



Apesar da pressão causada pela disparada do preço do petróleo no mercado internacional, estatal evita aumento de preço de combustíveis. Senado vota hoje dois projetos sobre tema

# PETROBRAS SEGURA REAJUSTE E GUEDES NEGA CONGELAMENTO

CRISTIANE NORBERTO E FERNANDA STRICKLAND

Brasília — Para conter repasses imediatos diante da crise internacional do petróleo por causa da guerra envolvendo Rússia e Ucrânia e as sequelas da pandemia de COVID-19, a Petrobras tem guardado reajustes — a estatal também aproveita seus lucros recordes. Desde 12 de janeiro, registra-se uma defasagem de mais de 25%, de acordo com a Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis (Abicom), para a gasolina e o diesel em paralelo com a disparidade externa e com o que deveria ser repassado ao mercado interno. Já o ministro da Economia, Paulo Guedes, afirmou que não haverá congelamento no preço dos combustíveis. “Não tem congelamento, esquece esse troço”, declarou ao sair do ministério. Mas cedo, quando entrou no prédio, Guedes afirmou que “só maluco congela preço”.

Outra preocupação com os valores ocorreu após os Estados Unidos, a União Europeia e o Reino Unido romperem ou reduzirem a importação de petróleo russo. Ontem, o preço do barril chegou a ser negociado a US\$ 132,78 e o Brent e o WTI a US\$ 129,17. De acordo com a Abicom, se a petroleira brasileira corrigisse os valores hoje, baseando-se na política de Preço de Paridade Internacional (PPI), a gasolina poderia passar a valer R\$ 8 o litro, e o diesel, R\$ 7,50.

Bruno Zaballa, coordenador dos Departamentos de Drawback e Operações Tributárias na Eficiência Negócios Inter-

nacionais avalia que as novas sanções contra a Rússia devem agravar a situação do preço do petróleo. “A imposição das sanções) Apesar de ter como objetivo o enfraquecimento da economia russa, certamente impactará nos preços internacionais. Veremos uma oscilação ainda maior, que será repassada ao consumidor final”, descreve.

O especialista explica que os conflitos internacionais atingem o consumidor brasileiro pelo fato de a Petrobras praticar o Preço de Paridade de Importação (PPI), que considera, nos cálculos dos reajustes dos combustíveis, as variações cambial e da cotação do petróleo internacional, além dos custos logísticos. “Logo, por mais que tenhamos produção nacional de petróleo e até sermos autossuficientes, o preço será definido com base nas cotações internacionais, estando reféns dessas oscilações”, afirma.

Para Zaballa, a Petrobras, por si só, não consegue contornar a situação. “Hoje, a única maneira possível para que o consumidor final não pague a conta é uma intervenção na política de preços praticados”, considera. A opção, no entanto, não agradaria aos acionistas da empresa estatal. “Em resumo, as opções que o Brasil tem são ou manter a política de preços e ficar refém do tomado de oscilações no preço internacional do petróleo, além do aumento galopante da inflação que virá, ou inventir nessa política, colocando em risco a saúde financeira já muito abalada da Petrobras”, pontua.

De acordo com César Berço, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Brasília (UnB), o que torna o mercado de combustíveis brasileiro tão dependente do internacional é, na verdade, sua falta de estrutura para refinamento. “A questão maior é a seguinte: o Brasil é superavitário na produção de petróleo, porque o país extrai mais petróleo do que necessita. Então, esse petróleo é exportado. O problema maior está internamente: o Brasil não tem refinaria suficiente para refinar o petróleo e transformá-lo em gasolina e diesel. Então, apesar de ter a matéria-prima, ele importa a gasolina, o diesel e vários produtos derivados de petróleo”, disse.

Segundo Berço, o projeto que tramita no Congresso para unificar as alíquotas dos combustíveis também não resolveria a disparada nos preços. “Tentar reduzir o problema via redução de impostos cria uma situação interessante, porque você subsidia a gasolina para o rico, e o pobre fica sem, pois o governo não tem dinheiro para conduzir suas políticas sociais. Essa é uma política mais eleitoralista do que efetiva”, argumenta.

“Todo esse conflito mundial vai criar um problema enorme para a economia internacional. Então, a tendência para o preço do petróleo é exatamente esse aumento que estamos vendo agora. Não tem como a Petrobras segurar o preço — ele vai subir”, destaca o economista, salientando que medidas efetivas por parte da Petrobras somente poderão ser vistas de médio a longo prazo



Plenário do Senado: dois projetos sobre preços de combustíveis estão em discussão

## Novas regras do ICMS vão a plenário

Brasília — O plenário do Senado deve votar hoje dois projetos de relatório do senador Jean Paul Prates (PT-RN) para reduzir a volatilidade interna dos preços dos combustíveis. O PLP 11/2020 altera as regras de cobrança do ICMS e estabelece a cobrança monofásica — apenas uma vez — do tributo no estado de origem. O texto também prevê um valor fixo do imposto estadual e não mais um percentual sobre o valor do litro do combustível, como é hoje (ad valorem). Já o PL 1.472/2021 prevê a criação de uma Conta de Estabilização de Preços — CEP Combustíveis, com recursos que o governo, acionista majoritário da Petrobras, obteve com a alta do preço do petróleo, como dividendos e royalties.

O presidente da Petrobras, Joaquim Silva e Luna, deverá explicar aos senadores a distribuição de R\$ 101 bilhões, correspondentes aos lucros de 2021, aos acionistas da empresa. O requerimento é do senador Jean Paul Prates (PT-RN) e foi aprovado ontem pela Comissão de Assuntos Econômicos do Senado. A Petrobras teve lucro de R\$ 106 bilhões em 2021, um aumento de 1.400% em relação aos R\$ 7,11 bilhões em 2020. O senador Jean Paul justifica que os R\$ 101 bilhões distribuídos aos acionistas excedem a obrigação legal da empresa de distribuir 25% do lucro apurado e “suscitam questionamentos”.

“Temos assistido a aumentos sucessivos dos custos dos combustíveis no país,

que contrastam com a fatura nos dividendos partilhados”, afirma o senador. Ele avalia que é preciso esclarecer a opinião pública sobre qual o método e a política adotada pela empresa para distribuição de dividendos aos acionistas, inclusive diante da perspectiva de reajuste de preço internacional do barril.

Ainda serão convidados o diretor executivo, financeiro e de relacionamento com investidores, Rodrigo Araújo Alves, e Rodolfo Landim, atual presidente do Flamengo, que foi indicado recentemente para presidir o Conselho de Administração da Petrobras. A conselheira representante dos trabalhadores da Petrobras, Rosângela Buzanelli Torres, também deverá participar.

**BOLSA** O Ibovespa, principal índice da bolsa brasileira (B3), fechou em queda de 0,35% ontem, chegando aos 111.203,45 pontos. Esse é o quarto dia seguido de perdas para o indicador, que registrou baixa de mais de 2% na véspera, no ano até agora. Ao longo do pregão, a pontuação da bolsa brasileira ficou instável, variando conforme as circunstâncias. O dólar fechou em queda de 0,52%, cotado a R\$ 5,053 na venda. O resultado veio após o presidente Joe Biden anunciar que os EUA não vão mais importar petróleo da Rússia, pronunciamento que teve reações imediatas do mercado e levou a bolsa de valores americana a apresentar recuo de 2%.

Com o desempenho de ontem o dólar acumula perdas de 9,37% em relação ao real em 2022. Vale lembrar que a cotação do dólar refere-se ao dólar comercial. Os valores cobrados por corretoras de câmbios a viajantes que compram o dólar turismo são mais altos. Enquanto isso, o Ibovespa já subiu 6,09% neste ano, um contraste com a queda de quase 12% registrada em 2021.

“Não tem congelamento, esquece esse troço. Só maluco congela preço”, afirmou o ministro da Economia, Paulo Guedes





Presidente da Ucrânia diz, pela primeira vez, que país pode desistir da adesão à Otan e debater status de Donbass. Mais tarde, reafirma que vai resistir e ataca Moscou

# UM ACENO PARA A PAZ



Por vídeo, Volodymyr Zelensky fez discurso histórico no Parlamento britânico, sendo aplaudido de pé ao citar Winston Churchill

Rodrigo Craveiro

Pela primeira vez, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, admitiu moderação sobre uma possível adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e uma negociação em busca de um compromisso sobre o status de Donbass - região controlada pelos russos, no Leste da ex-república soviética. "Em relação à Otan, moderei minha posição sobre essa questão há algum tempo, quando entendemos que a aliança militar não está pronta para aceitar a Ucrânia", declarou, antes de alinhar a Otan. "A aliança tem medo de qualquer controvérsia e de um confronto com a Rússia".

Zelensky afirmou que pode debater itens sobre "os territórios ocupados temporariamente e as pseudorepúblicas não reconhecidas por ninguém, além da Rússia. Podemos achar um compromisso sobre como esses territórios viverão daqui em diante", acrescentou. As declarações, feitas na madrugada de ontem à rede de TV norte-americana ABC, sinalizariam a primeira indicação de uma saída diplomática para a guerra. O presidente da Rússia, Vladimir Putin, condiciona a suspensão da "operação especial" na Ucrânia à desmilitarização de Kiev; ao reconhecimento das repúblicas separatistas de Donetsk e Luhansk; e à independência da Crimeia, anexada em 2014 por Moscou.

Horas mais tarde, o próprio Zelensky fez um discurso histórico no Parlamento britânico, por meio de videoconferência, em que adotou um tom de confrontação. Ele invocou o ex-primeiro-ministro Winston Churchill (1940-1945) e foi aplaudido de pé. "Não nos renderemos e não perderemos. Lutaremos até o fim, no mar, no ar. Continuaremos lutando por nossa terra, custe o que custar, nas florestas, nos campos, na costa, nas ruas", declarou.

Em junho de 1940, no momento em que a Alemanha nazista conquistava territórios na Europa, Churchill tinha feito uma promessa parecida em discurso ao Parlamento, em Westminster.

Zelensky estava vestido com a tradicional camisa militar verde - traje usado com frequência nas últimas aparições públicas. Ele lembrou que a Ucrânia mergulhou em uma guerra não provocada e indesejável. "Desde o primeiro dia, não dormimos, todos lutamos pelo nosso país, como o nosso Exército", disse. Em seu discurso, o ucraniano citou ainda o escritor inglês William Shakespeare. "A questão para nós, agora, é ser ou não ser", disse. "Agora posso lhe dar uma resposta definitiva: é sim, ser". Ele pediu aos britânicos para que aumentem a pressão e as sanções contra a Rússia e a reconheçam como um Estado terrorista. Também fez um apelo por uma zona de exclusão aérea sobre a Ucrânia. "Por favor, certifiquem-se de que nossos céus estejam seguros", cobrou Zelensky.

Em entrevista ao Estado de Minas, Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla (Ucrânia), disse que interpreta as declarações de Zelensky à rede de TV ABC sob outra perspectiva. "Não reconheceremos a Crimeia como uma parte da Rússia e a independência das pseudorepúblicas do Leste. O que ele quis dizer é que podemos, sim, discutir condições sobre quais partes da região de Donbass ocupada podem ser devolvidas à Ucrânia. Em relação à Otan, Zelensky quer encontrar outros meios de garantias de segurança. Um apoio militar tácito da comunidade internacional, caso a Ucrânia seja atacada novamente", explicou por telefone. Ele admitiu "claros paralelos

nos discursos de Zelensky e de Churchill. Haran lembrou que, antes da guerra, o presidente foi bastante criticado pelas forças políticas rivais. "Com a invasão, os partidos do governo e da oposição se uniram. Mesmo partidos pró-Rússia no Rada (Parlamento da Ucrânia) denunciaram a agressão de Moscou e, agora, tratam de ajudar os civis feridos. Uma pesquisa divulgada em 1º de março mostra que Zelensky conta com 93% de apoio da população. Ele se tornou um tipo de símbolo da resistência", acrescentou. A mesma pesquisa indicou que 80% dos ucranianos estariam dispostos a pagar em armas.

**FUGA** Enquanto Zelensky falava ao Parlamento, milhares de ucranianos aproveitavam o primeiro dia de abertura de um corredor humanitário para fugir do país. Até o fechamento desta edição, mais de 2 milhões de civis tinham atravessado as fronteiras para nações vizinhas, especialmente a Polónia. Eles deixaram suas casas, seus sonhos e sua vida para trás. O Ministério da Defesa da Ucrânia acusou a Rússia de violar o cessar-fogo na estratégica cidade portuária de Mariupol, praticamente devastada pelos bombardeios e imersa em uma tragédia humanitária, sem eletricidade e com escassez de alimentos. "O inimigo executou um ataque na direção do corredor humanitário", afirmou o comunicado.

Mykola Nazarov, diretor do Centro de Pesquisa para Segurança Regional da Universidade Estadual de Sumy, contou que a cidade está praticamente isolada do resto do país. Situada no Nordeste da Ucrânia, a apenas 60 quilômetros da fronteira com a Rússia, Sumy é uma das cinco cidades de onde se abriram corredores humanitários para a fuga de civis. "Estamos bloqueados, não há for-

## CORREDORES HUMANITÁRIOS

Abertos terça-feira (8/3)



Estratégia usada para retirar civis e fornecer alimentos e medicamentos em áreas de conflitos

ma de recebermos suprimentos logísticos", afirmou o professor. Na noite de segunda-feira, um bombardeio russo matou 21 pessoas, incluindo duas crianças. Dos 270 mil moradores de Sumy, ao menos 3.500 partiram ontem, entre eles 1.700 estudantes estrangeiros. "As sirenes antiaéreas se tornaram diárias, e combates nas ruas ocorrem periodicamente", relatou Nazarov.

Ainda segundo Nazarov, pela primeira vez, moradores de Sumy partiram em direção a Poltava (a 174 quilômetros ao Sul). "Neste momento, as colunas de refugiados estão na estrada. Os temas dos corredores humanitários são muito difíceis de ser resolvidos. Não existe certeza de que o lado russo cumprirá com o acordo", comentou. Os cidadãos que insistem em permanecer em Sumy se uniram ao Exército da Ucrânia no trabalho da defesa territorial, a fim de proteger a cidade. "Criamos redes de voluntários, em colaboração com as autoridades, para resolver assuntos importantes. Nós coordena-

mos a entrega de produtos vindos de vilarejos próximos, alguns deles são distribuídos sem custos. É possível solicitar fundos para receber comida e remédios", disse Nazarov.

Em Kiev, o cineasta Leslyk Yakymchuk, de 29 anos, e a namorada decidiram se mobilizar para ajudar os desabrigados. "Nós tentamos coletar suprimentos dentro e fora da Ucrânia para fazê-los chegar aos nossos soldados. Se for preciso, pegarei em armas para defender o meu país", disse ao EM. Ele admite que o medo da morte o persegue a cada minuto. "Algumas vezes, fico assustado com alguma notícia, mas busco me concentrar nos afazeres. Preciso depositar meu estresse em ações. As pessoas que estão comigo acreditam na vitória. Nós protegemos a nossa terra, e isso é uma coisa certa a se fazer. Os russos não conseguem explicar a invasão", acrescentou. Leslyk lecionava cinema em Ohio, nos Estados Unidos, e viajou para a Ucrânia logo após o início dos bombardeios.

## China pede 'contenção máxima'

Em meio a fortes críticas sobre uma suposta aliança com a Rússia, a China expressou, ontem, profunda preocupação com os desdobramentos da guerra. Durante uma videoconferência com o presidente francês, Emmanuel Macron, e com o chanceler alemão, Olaf Scholz, o líder chinês, Xi Jinping, pediu "contenção máxima" no conflito.

A China, que mantém boas relações com Moscou, se recusou até o momento a usar o termo invasão e limitou-se a "lamentar" o conflito no país, ao mesmo tempo em que afirma "entender" as preocupações da Rússia com a segurança. Porém, durante a conversa, Xi declarou que estava "profundamente triste" por acompanhar uma nova guerra no continente europeu, segundo a televisão pública chinesa CCTV.

"Queremos fazer um apelo por contenção máxima para evitar uma grande crise humanitária", acrescentou Xi, sem condenar a ofensiva iniciada em 24 de fevereiro pelo presidente russo, Vladimir Putin. O chinês disse a Macron e a Scholz que "aprecia os esforços de França e Alemanha para atuarem como mediadores na Ucrânia".

Pequim também está disposto a desempenhar "um papel ativo", afirmou Xi, segundo a emissora. "Devemos apoiar juntos as negociações de paz entre Rússia e Ucrânia", afirmou Xi, embora até o momento as rodadas de negociações em Belarus não tenham apresentado resultados. A China "está pronta para proporcionar ajuda humanitária à Ucrânia", prometeu o presidente chinês. Xi reiterou a oposição de seu país às sanções internacionais e afirmou que as medidas tomadas contra Moscou "provocarão danos a todas as partes".

O diretor da Agência Central de Inteligência (CIA) dos EUA, William Burns, avaliou que Xi está "preocupado" com as "dificuldades" que a Rússia está enfrentando na invasão da Ucrânia. "Acho que o presidente Xi e a liderança chinesa estão um pouco preocupados com o que vemos na Ucrânia", disse o funcionário a um comitê do Congresso dos Estados Unidos. "Eles não previram as dificuldades significativas que os russos encontrarão", explicou.

**POLÓNIA** Ontem, a Polónia se disse pronta a colocar "sem demora" os seus aviões MIG-29 à disposição dos Estados Unidos, indicou o Ministério das Relações Exteriores polonês, abrindo caminho para a possível transferência dessas aeronaves à Ucrânia. O governo dos Estados Unidos, por sua vez, se disse "surpreso" com a iniciativa. "Que eu saiba, não fomos consultados antes", declarou a subsecretária de Estado para Assuntos Políticos, Victoria Nuland, durante uma audiência no Senado americano. "Acredito que é um anúncio surpresa dos poloneses", acrescentou a funcionária.

A Polónia "está pronta para entregar, sem demora e gratuitamente, todos os seus aviões MIG-29 na base (alemã) de Ramstein ao governo dos Estados Unidos", indicou o ministério em comunicado. Além disso, o governo polonês pediu que outros membros da Otan que possuem aeronaves MIG-29 seguissem o seu exemplo. (RC)

“

Em relação à Otan, moderei minha posição sobre essa questão há algum tempo, quando entendemos que a aliança militar não está pronta para aceitar a Ucrânia”

Volodymyr Zelensky,

presidente da Ucrânia, em declaração à TV norte-americana ABC

“

Continuaremos lutando por nossa terra, custe o que custar, nas florestas, nos campos, na costa, nas ruas”

Zelensky,

em pronunciamento virtual ao Parlamento do Reino Unido, horas depois

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

**Seção:** Internacional **Página:** 4 a 6